

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Adenilse da Silva Aguiar Cedro

É proibido sonhar: a psicopedagogia desembaraçando nós - Caso clínico

Pós-graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia

**São Paulo
2020**

Adenilse da Silva Aguiar Cedro

É proibido sonhar: a psicopedagogia desembaraçando nós - Caso clínico

Pós-graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Pós-graduada *Lato Sensu* em Psicopedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dra. Anete Maria Busin Fernandes.

São Paulo

2020

Banca Examinadora

A flor com que a menina sonha
está no sonho?
ou na fronha?
A lua com que a menina sonha
é o lindo do sonho
ou a lua da fronha?

(Cecília Meireles)

Dedico este trabalho a Deus. Ao meu pai, João, *in memoriam*, que me incentivou a retomar os estudos. À minha mãe, Juliana, de quem herdei a perseverança. Aos meus filhos, João Ricardo e Mateus, brilho do meu olhar. Ao meu esposo, pelo apoio de todas as horas e a cada nova leitura de rascunhos. Dedico, também, à minha amiga Marina, pelo incondicional apoio durante todo esse tempo. Enfim, muitíssimo obrigada a todos!

RESUMO

CEDRO, A. S. A. **É proibido sonhar:** a psicopedagogia desembaraçando nós – Caso Clínico. 39 f. Monografia (Pós-graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2020.

A presente pesquisa teve como objetivo, a partir de um caso clínico atendido na disciplina de Diagnóstico Psicopedagógico do curso de Psicopedagogia, ilustrar a importância do lúdico e da fantasia para o desenvolvimento infantil e da aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória que teve como sujeito Amora, uma discente de 9 anos do 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola estadual de São Paulo. No início do primeiro encontro, Amora se mostrou tímida, insegura e não fez contato visual com a psicopedagoga. Após a psicopedagoga dizer que ali era um espaço reservado para entender o que acontecia com sua alfabetização e que era permitido sonhar, a menina abriu um sorriso e revelou-se. Ao longo dos atendimentos, mostrou-se receptiva e disposta a realizar as tarefas. Desse modo, Amora foi desatando os nós que lhe foram impostos durante sua vida escolar e experimentando ser uma criança sonhadora que podia brincar, fantasiar, construir palavras e alfabetizar-se. O atendimento durou quatro meses. Por intermédio desse caso, é possível refletirmos sobre a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, bem como sobre a possibilidade de a psicopedagogia abarcar em seu trabalho outros aspectos do sujeito, não somente visando, exclusivamente, à alfabetização.

Palavras-chaves: Psicopedagogia. Brincar. Desenvolvimento infantil. Aprendizagem.

ABSTRACT

CEDRO, A. S. A. **It's forbidden to dream:** psychopedagogy untangling knots – Clinical Case. 39 f. Monografia (Pós-graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2020.

This research aimed to illustrate importance of playfulness and fantasy for child development and learning from a clinical case attended in the discipline of Psychopedagogical Diagnosis of the Psychopedagogy Course. This qualitative exploratory research had as subject Amora, a 9-year-old student from 3rd year elementary school at a state school in São Paulo. In the beginning of first meeting Amora was shy, insecure and did not make eye contact with psychopedagogue. After saying there was a place reserved to understand what happened to her literacy and that she was allowed to dream, she opened a smile and revealed herself. Throughout the visits, she was receptive and willing to perform the tasks. In this way, Amora was loosening knots that were imposed during her school life and experiencing being a dreaming child who could play, fantasize, build words and become literate. Her attendance lasted four months. Through this case is possible to reflect on importance of playing for child development, as well as on possibility psychopedagogy encompasses other aspects of the subject in its operation and not only aiming exclusively literacy.

Keywords: Psychopedagogy. To play. Child development. Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Jamais deixe de sonhar”	31
Figura 2 – Jogo do Rabisco: “A pasta de dente”	33
Figura 3 – Jogo do Rabisco: “Um novo bebê na família”	33
Figura 4 – Jogo do Rabisco: “A história de Larissa e Bob”	34
Figura 5 – A Hora do Jogo – Sem título: “Trabalho em argila”	34
Figura 6 – Par Educativo: “Professora ensinando”	35
Figura 7 – Par Educativo: “Eu te amo”	35
Figura 8 – Uma Família Qualquer: “Muita emoção, muita alegria e muita paixão”	36
Figura 9 – Uma família onde alguém não aprende: “Aprendendo e ensinando”	36
Figura 10 – Uma família onde alguém não aprende: “Não batendo, não chorando”	37
Figura 11 – Pintura livre: Não nomeou o desenho	37
Figura 12 – Desenho livre: “Casa bonita”	38
Figura 13 – Devolutiva para Amora	38
Figura 14 – Caixa feita por Amora	39
Figura 15 – Carta da mãe	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 ERA UMA VEZ AMORA.	12
1.1 Primeira entrevista com a mãe	12
1.2 Entrevista com a mãe	19
1.3 Procedimentos projetivos.....	20
1.4 Família educativa	22
1.5 Conclusões sobre o diagnóstico.....	26
1.6 Devolutivas	28
1.7 A carta da mãe	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ECOS PESSOAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS	33

INTRODUÇÃO

O brincar vestido de significados sugere um dizer que ressoa no infinito dos sonhos, acalenta o pensamento, ecoa, busca cheiros, paisagens, passos e memórias...

Navega sem pressa com o vento e chega delicadamente à infância, veste e encanta a inocência de fantasia.

As histórias que acalmam meu coração me ensinaram a confiar no tempo e restauraram aquilo que vem da alma. Penso na meninice não como se estivesse muito distante, etapa rica de sonhos, fantasias e histórias contadas. Principalmente quando faltava energia. Eram contos ditos populares contados ora por minha avó ora por minha mãe e tias. Morávamos todas bem próximas.

Com essas histórias brincava, sonhava, fantasiava e criava narrativas com minhas bonecas de papel, essas eram as preferidas. Sonhava acordada com as personagens, imitava vozes, ruídos e inventava as brincadeiras, trocando suas roupas que faziam parte do pacote que as acompanhava. Nessas embalagens, havia desde sapatos, bolsas, vestidos e até perucas. Algumas vezes não me contentava com os adornos que vinham junto, na embalagem, e criava outros tantos com papel comum e assim me divertia, imaginando ser mãe, costureira, professora, escritora, entre tantas personagens.

As bonecas de papel vinham com os nomes e, quando eu não gostava deles, trocava e fazia os batizados, já dizendo: – Você tem olhos castanhos, não se parece nadinha com esse nome, assim te batizo... E dava o nome escolhido.

Conto essa história para dizer que os sonhos e fantasias fazem parte das brincadeiras de infância, constroem identidades e memórias. São profundos e ricos de significados tais quais as digitais, são únicos. Silenciosos e intensos, revelam subjetivamente o universo de quem brinca, fazendo de conta que o exterior não vê o que foi descoberto. É realmente um faz de conta. Quem brinca deixa-se revelar porque faz parte da brincadeira, mostra-se vivo nas bonecas e nas personagens que ganharam suas “vozes-elaboradas” e interagem com uma personagem – autora do processo de brincar. Nesse momento, a realidade se mistura com fantasia e sonhos. Segundo Winnicott (2019), as experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza está presente na brincadeira e também na fantasia. E a brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência. Assim como brincar ajuda na organização e na iniciação de relações emocionais, propicia também o desenvolvimento de contatos sociais. O

lúdico potencializa a criatividade e juntos contribuem para o desenvolvimento intelectual ajudando na convivência do sujeito.

Enquanto Amora, a protagonista que será apresentada neste trabalho, caminhava em minha direção, trazida pela funcionária do colégio em que estudava, parei por alguns segundos de observá-la e pensei onde estavam ancorados seus sonhos, suas fantasias e criatividade.

Sigo buscando na infância lembranças e brincadeiras, no imaginar, viver, no sonhar e criar. Lembro as palavras deixadas por Fernandez (2012) em seus escritos, as quais dizem que as crianças brincam por prazer e que “a capacidade atencional se nutre e desenvolve na dimensão estética. O corpo atende porque se comove. E é aí que o pensar é convocado. A palavra é o gesto e o silêncio do olhar. Na palavra, a carícia torna-se sonora. As palavras também podem ser cicatrizes das feridas” (p. 48).

A palavra está na imaginação e por certo está na segurança de quem deseja trilhar o caminho das letras. Durante a minha infância explorei a criatividade no brincar e, já adulta, nas palavras e na literatura. A escolha não foi uma surpresa; respondendo a minha vocação e alegrando o meu coração, resolvi, naquele momento, ensinar. Foi assim que me tornei professora de Língua Portuguesa e Literatura. Ao percorrer o caminho das letras e depois da Faculdade de Educação, cheguei à sala de aula e contemplei alguns pares de olhinhos, uns ávidos pelo conhecimento, outros nem tanto e ainda havia aqueles distantes, absortos em seus pensamentos aparentemente desprovidos de querer, de desejo de saber e aprender. Esses - confesso - fascinavam-me, quanto mais avesso ao conhecimento, mais eu queria envolvê-los no mundo das palavras e da leitura.

Os anos passaram e eu sentia necessidade de oferecer mais aos meus alunos, compreender por qual motivo eles não conseguiam aprender e assim ajudá-los. Foi nesse momento que busquei a psicopedagogia. Lembro-me da minha primeira aula no curso. Disse com muita altivez que estava começando o curso porque gostaria de compreender por que meus alunos não conseguiam aprender. Fui desarmada pela professora, ela me falou para eu me preparar, pois poderia não achar a resposta ao fim do curso. Hoje, relatando o acontecimento, vejo como foi sensata sua ponderação. Ensinar proporciona inúmeras possibilidades. Naquele momento eu estava em um hiato e precisava me especializar, aprender mais e compreender além do que buscava, abrir possibilidades no educar e também no atendimento psicopedagógico. Compreendi que não existem respostas prontas e o nosso olhar psicopedagógico vai além dos métodos padronizados. Assim sendo, ao atender Amora, constatei que o trabalho psicopedagógico investigou as causas, buscou soluções, possibilitou a

construção de saberes, viabilizou mudanças comportamentais, além de cuidar dos aspectos psicológicos.

Esta Monografia se baseará em um caso clínico atendido na disciplina Diagnóstico Psicopedagógico e tem como objetivo ilustrar a importância do lúdico e da fantasia para o desenvolvimento infantil. A narrativa descreve a história vital da menina Amora, apresenta o caso a partir das sessões de atendimento destacando o que cabe ao tema escolhido, utilizando como embasamento teórico autores da psicologia, psicanálise e da psicopedagogia.

1 ERA UMA VEZ AMORA...

O caso que será narrado envolveu a construção de laços e nós que foram desatados. A menina de nove anos, cujo pseudônimo, doravante, foi descrito como Amora, dona de longos cachos, sorriso maroto e olhar desconfiado, protagonizou o caso.

O primeiro contato realizado para a escolha da unidade de ensino e posteriormente da criança que seria atendida foi feito por intermédio de uma ex-funcionária da unidade escolar na qual eu lecionava. Houve, de sua parte, total disponibilidade para ajudar-me. A escola escolhida foi uma estadual situada no Itaim Bibi, São Paulo-SP, que tinha Ensino Integral e possuía uma média de trinta alunos por classe. A ida à escola no dia previsto trouxe expectativas para o começo de todo processo do trabalho e seu desenvolvimento. A coordenadora e a professora da sala de recursos acordaram comigo qual seria a aluna a ser atendida, pois havia outros alunos para serem atendidos. Segundo elas, Amora tinha atitudes inadequadas e agressivas desde o primeiro dia de aula, não conseguia assimilar as regras estabelecidas, não entendia aquilo que era especificado, não se concentrava, mostrava-se dispersa e desatenta em todas as situações (sic). Ressaltaram ainda que a aluna possuía extrema dificuldade para a aprendizagem, frequentava o reforço escolar. Tinha bom relacionamento com a professora, porém não parava sentada, mexia com os colegas e tinha o hábito de mentir (sic).

Diante do que foi exposto pela Escola, fiquei me indagando sobre a incapacidade total de uma criança: como uma criança pode ser capaz de não fazer nada? Que nada é esse que ela faz? Tantos aspectos negativos rotulados a Amora me fizeram pensar sobre o olhar limitado que a Instituição tinha dela. Diante disso, meu trabalho seria duplicado, necessitaria ser desenvolvido com a menina e a Escola. Mudar a perspectiva da Escola com relação à menina e a visão da menina sobre ela própria.

1.1 Primeira entrevista com a mãe

Dando continuidade ao trabalho, realizei com a mãe de Amora, chamada de Tâmara, a entrevista de queixa livre, na qual ela pode discorrer livremente sobre a filha, falar sobre suas queixas iniciais, inquietações e expectativas. Nesse procedimento, busquei reunir dados relevantes para a compreensão da história de vida da Amora. Entretanto, neste estudo, não é meu objetivo responsabilizar ou julgar qualquer pessoa. A partir dele busquei saber qual

o vínculo que Amora estabelece com o professor, com os colegas de classe, com a escola e a família, não me esquecendo de observar o contexto em que Amora estava inserida.

Segundo Fernandez (1991),

a versão que os pais transmitem sobre a problemática e, principalmente, a forma de descrever o sintoma dão-nos importantes chaves para nos aproximarmos do significado que a dificuldade de aprender tem na família (p. 144).

Tâmara começou contando que Amora vive com ela, o padrasto, uma irmã mais velha com doze anos e um menor com quatro anos. Após, disse que até os três anos de idade a menina tinha interesse nas atividades, depois perdeu o entusiasmo. Problemas familiares eram bastantes, mas, segundo ela, a criança não percebia. Paro, aqui, e reflito sobre essa frase dita pela mãe: “a criança não percebia”. Lembro a obra intitulada “O não dito familiar e a transmissão da história”, de Debieux (2001). A análise feita pela autora diz: o que não é falado, é escondido, ou “acha-se” que a criança não vê, não escuta. Esse movimento pode até levar a criança a se refugiar, alienar-se ou achar que não pertence ao grupo familiar no qual convive. A autora argumenta que “o que não está dito, recoberto pelo já dito, é que permite movimentar a cadeia significativa para produzir novos sentidos”. Todavia, fatos encerrados e não esclarecidos ou encerrados e encobertos desencadeiam uma visão imaginária que pode emudecer o sujeito de forma definitiva. Assim, se perde a oportunidade de desenvolver o diálogo e propiciar esclarecimentos de fatos que não ficaram esclarecidos para a criança, o sujeito elabora sua história construindo equívocos do fato que foi percebido, ouvido e escondido.

Já com esse dado, prossegui a entrevista com a mãe, e esta relatou que Amora, quando não está em sua companhia, é a madrinha quem acompanha a criança. A mãe fala que a filha tem muita vontade de aprender (instinto epistemológico), todavia não desenvolve a escrita e a leitura. É muito parada, não sabe responder os questionamentos. Só sabe inventar histórias (como se isso fosse pouco). Quando isso acontece, faz com que a menina retorne à realidade. “Nossa vida é muito dura, não tem como ficar sonhando”. Que a filha vive um conto de fadas, acha que vai ser bailarina e assistiu a muito filme de princesas (sic). Agora, nesse momento, escrevendo sobre o caso, percebo como a fala da mãe repercute e legitima alguns comportamentos da Amora que pude perceber no decorrer dos encontros. É muito agitada, quer lavar louça, quer arrumar a casa e diz “Mãe, quero ser igual à senhora” (modelo identificatório). Ao brincar, gosta de assistir a programas de televisão e, quando faz isso, desliga-se de tudo. Que ela frequentava uma escola na Vila Sônia quando tinha sete anos. No

começo das aulas, só desenhava, não aprendia nada. Perdeu o interesse. Que resolveu transferi-la de escola depois de o “Tio da Perua” deixá-la sozinha por duas vezes na rua. Na primeira vez, apesar de ter hora e local marcados, o condutor do transporte escolar deixou-a sozinha, sem nenhum responsável para resgatá-la. A criança foi encontrada pela tia num parque próximo ao local combinado. No segundo episódio, foi muito pior. O responsável pelo transporte escolar ligou para a mãe dizendo que havia deixado-a no ponto, bem antes do horário combinado. Ela ficou cerca de uma hora desaparecida, até ser encontrada pelo padrasto em outro parque, andando em direção a sua residência. A mãe disse que a luta com ela é diária, tentava não desistir no meio do caminho. As duas irmãs brigam muito por causa da personalidade da filha mais velha (por ser a irmã da Amora muito rebelde). “Tenho esperança nesse trabalho para solucionar o problema da minha filha”. O processo e o trabalho da psicopedagogia levam a pessoa a ter esperança, a acreditar que existe futuro e não apenas a mesmice da vida. O que está dado é passível de mudança. Essas palavras da mãe criam expectativas. Segundo Winnicott, o indivíduo que tem esperança está sempre em melhor condição que os outros.

Durante a entrevista, percebi a preocupação da mãe com o horário, olhava para o relógio, estava apressada para chegar ao trabalho, mostrando-se ansiosa. Nas entrelinhas do seu discurso, havia frases que ficavam acentuadas em sua fala, tais como “não percebia nada, - em relação às brigas, não sabia responder, não aprendia nada, porque ficava só desenhando, achava que ia ser bailarina, vivia um conto de fadas, não tinha como ficar sonhando”.

Trato com prudência essas palavras da mãe e relembro passagens dos textos de autores como Winnicott que nos indagam: “por que as crianças brincam?”. A resposta parece clara: brincam porque gostam e sentem prazer, todavia esses ensaios no brincar nos fornecem – quando criança – práticas para a vida, ampliam nossa capacidade de relacionamentos, ajudam-nos a lidar com nossos sentimentos, ou seja, ao brincar adquirimos experiências e amadurecemos. É tão comum e habitual ver uma criança brincando que não nos damos conta quão importante é esse experimento.

O primeiro encontro com Amora aconteceu em sua escola. Trazida pela coordenadora, a menina tinha o olhar bem baixo, sem fitar-me e as mãos frias – tão logo as segurei. Abaixei-me à sua altura, disse-lhe “bom dia”, ao que ela só fez que sim com a cabeça. Subimos para a sala reservada para o atendimento. Após alguns minutos em silêncio, subindo as escadas em direção à sala, já preparada para a atividade, encontramos alguns colegas de classe que perguntaram se eu era sua mãe. Ela olhava-me, dava um leve sorriso e dizia que não. No instante seguinte, voltava com o dedo para a boca. Chegando à sala, pedi que

escolhesse um lugar para sentar-se. No mesmo momento, notou que a mesa estava em falso, sentiu-se incomodada. Perguntei o que poderíamos fazer. Ela disse que seria melhor trocar a mesa, trocamos. Apesar da troca, não deu certo. Que faremos agora? Interpelei-a. Não sei, respondeu. Sugeri um calço para a mesa, ela aceitou a sugestão, e a mesa ficou apoiada. Aqui, compreendi que Amora transferiu seu incômodo para a mesa em falso, pois, mesmo trocando de lugar, a situação se manteve. Nesse momento, tanto ela quanto a mesa estavam em falso, buscavam apoio e tanto eu quanto o papel dobrado servíamos de sustentação naquele instante. Depois desse episódio percebi que ela se sentiu mais confortável (*holding*).

Winnicott aborda também a questão assim:

A confiança que o bebê deposita na segurança oferecida pela mãe, e, consequentemente nas outras pessoas e coisas, torna possível a separação entre o não eu e o eu. Ao mesmo tempo, entretanto, podemos afirmar que a separação é evitada por meio do preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo, ouvir música, compartilhar uma anedota, assistir a um jogo de futebol, vestir-se para uma ocasião especial (1975, p. 109).

Já acomodadas, apresentei-me e perguntei se ela sabia o que faríamos. A resposta foi imediata: “minha mãe falou que vai me ajudar a escrever e ler”. Eu lhe disse que nós, juntas, iríamos descobrir porque ela não conseguia nem escrever e ler. E que faríamos várias atividades. Disse-lhe que, naquele espaço, ela poderia sonhar, contar histórias, viver histórias. Seus olhos brilharam, e o dedo saiu da boca. Convidei-a para o jogo do rabisco. Expliquei os procedimentos. Ela não teve dificuldade para entendê-los.

O Jogo do Rabisco, criado por Winnicott, descrito por ele como uma forma de comunicação, de expressão livre, um meio de estabelecer contato consigo mesmo. Nas palavras do autor: “É simplesmente um método para estabelecer contato com um paciente infantil” (WINNICOTT, 1994, p. 231). Feito de forma conjunta entre paciente e psicopedagogo. “Nesse procedimento, o autor oferecia à criança uma folha de papel com um rabisco para ela o completar. Em seguida, invertia a tarefa, Winnicott propunha à criança fazer um rabisco, para que ela pudesse dar finalização” (FERNANDES, 2013, p. 87).

Sendo um jogo aparentemente simples, sua complexidade não está na instrução ou no resultado, e sim na experiência, na possibilidade de oferecer à criança um espaço de confiança, um ambiente facilitador, para que possa acontecer como ser humano, colocando em trânsito questões fundamentais que ficaram detidas em seu processo maturacional (W).

Amora, no nosso primeiro encontro, mostrou ser uma menina observadora, nos primeiros minutos atenta, esperava qual seria a resposta que eu daria para as indagações dos

colegas até chegar à sala preparada para o atendimento. A menina se permitiu entrar no jogo, mostrou-se nos desenhos e histórias. Desenhou e pediu para pintar suas ilustrações. Participou dos meus desenhos pedindo para colorir e nomear minhas histórias, dando nomes aos personagens. Na evolução dos rabiscos executava ao mesmo tempo a narração da história.

A surpresa naquele dia ficou por conta da qualidade das histórias desenvolvidas. Contadas com simplicidade infantil, mas cheia de detalhes significantes. É fato que poderia ter realizado mais desenhos, produzido traços e detalhes minuciosos, mas não posso negar que tinha diante de mim uma criança criativa, educada, que sabe entrar e sair das histórias que contava com desenvoltura.

O seu primeiro desenho foi intitulado “A pasta de dente”. Ela escolheu uma folha menor. Eu fiz um rabisco curvo na parte inferior do desenho de cor mais acentuada, e logo ela fechou. Perguntei o que era. Disse-me: “você não sabe? É a pasta de dente. Tem que colocar com muito cuidado para não cair” (sic). Fez os gestos com as mãos como fazia segurando um lápis e, com ele, imitou a escova de dente. Terminou dizendo que não podia cair no chão, nem no sapato e, muito menos, na pia. E completou: “senão, minha mãe briga, porque suja tudo e gasta a pasta”.

Esse controle comedido e contido nas ações – não podia cair no chão – e na forma de se expressar apareceram em outras histórias no mesmo atendimento. Parecia sua modalidade de funcionamento.

Na minha vez de dar sequência ao jogo, Amora escolheu a folha menor e fez um círculo aberto. O risco feito por ela está acentuado, eu completei formando um fusca (carro), ou seja, a única coisa de fato que consigo desenhar em se tratando de carro – um fusca. Deixei sem pintar. Desenhei um sol no canto, também não pinte. Completei com a árvore no canto esquerdo, tudo somente no grafite. Ela falou: “Posso desenhar um motorista indo levar a mamãe que vai ter um bebê?”. Eu disse que sim.

Após fazer alguns ajustes que julgava necessários, perguntou se poderia colorir. Consenti afirmativamente com a cabeça. A essa altura, já falava sobre toda a história do desenho. – O papai está levando a mamãe, para o hospital, que vai ter o bebê e a irmã está junto. Pergunto se ela não está no desenho. – Não, declarou. Só a minha irmã. Pergunto qual o título do desenho, ela retruca: – Você não sabe? “Um novo bebê na família”. Observei naquele momento a projeção da menina na história. Quando perguntei se ela estava junto, de pronto respondeu que não. O posicionamento do sujeito, pelo fato relatado, sugere abstenção ou até o direito de não estar presente na história relatada, por não se sentir fazendo parte do grupo.

No terceiro desenho do jogo do rabisco, comecei com um semitriângulo, que ela fechou e desenhou um chapéu. Desenhou um rosto e outro parecido ao lado. Ao mesmo tempo em que desenhava, começou a contar a história de Larissa e Bob. O personagem verde, o Bob, está triste porque comeu a sementinha e Larissa não comeu porque ela obedeceu. Bob estava verde porque não obedeceu, comeu a sementinha que não podia. Por isso estava chorando. Larissa não comeu, sabia de tudo. “Tudo o quê?”, indaguei.

– Você não sabe? Quem come a sementinha fica verde, olha como ele ficou, não obedeceu e ficou todo verde. Larissa está feliz porque obedece.

A história de Larissa e Bob nos remete aos primeiros capítulos do livro do Gênesis. A narração bíblica fala da árvore do conhecimento e o seu fruto proibido. Esse é oferecido pela serpente a Eva. Ela come o fruto e também dá ao seu marido, Adão. Ao comer a fruta, eles conhecem o “bem e o mal”. Na história descrita pela menina, Bob fica verde ao comer a sementinha e chora copiosamente. O motivo do desconforto do menino é relatado pela Amora como desobediência. Larissa, por sua vez, é obediente, sabe de tudo, obedece e não comeu a sementinha, não muda, mantém seu saber original. A dicotomia do saber e não saber, do escondido e não revelado, silencia na obediência de quem está amparado na “aparente” felicidade do desconhecimento.

Os desenhos que se seguem mostram sutilmente como Amora, já na primeira sessão, posicionou-se falante e articulada; eles revelaram e deram pistas de como era o aprender e não aprender. No último desenho o personagem principal é penalizado toda vez que não consegue o objetivo de chegar seco do outro lado. Pietro, o personagem, além de ficar molhado, pagar por isso e perder os óculos, retorna várias vezes para o começo do jogo. Ela descreve assim a história: “Pietro sobe as escadas até alcançar o tobogã de água. Ele tem que chegar do outro lado sem ficar molhado. Do contrário, pagará dez reais. Pietro não consegue, chora muito, fica todo molhado, perde os óculos, chora e tem que pagar dez reais, e começar tudo de novo”, Deu o nome do desenho: “A pior hora que Pietro vai para a escola”. Essa penalidade que o menino sofre quando não consegue o objetivo e sempre retornando ao começo realiza assim incompletudes e emerge sua relação com o conhecimento – um voltar e começar constante. O campo afetivo-cognitivo é expresso pelo constante retorno ao começo, que compreende o não saber e não conhecer e o aprisionamento nesse.

No desenho anterior a menina escolheu o sulfite um pouco maior e fez um risco em forma de gota, nomeou o retrato feito por mim, revelou que tem uma colega de nome Maria Isabel. Para realização do rabisco, escolheu o sulfite um pouco maior e fez um risco em forma de gota. Completei e fiz um rosto de menina sorrindo, cabelos grandes e olhos vivos,

tudo no grafite. Perguntei: “Que achou?”. Ela respondeu: “bonito, posso pintar?”. Disse que sim. Pintou os olhos azuis e fez as bochechas rosadas. “Acho que ela pode se chamar Maria Isabel”, sugeri-me. “Por que esse nome?”, perguntei. “É o nome de uma colega”. Dei o nome sugerido por ela. Do ponto de visto psicológico, a cor representa investimento afetivo.

Logo nos primeiros desenhos e histórias que constituíram o nosso encontro inaugural, observei que a paciente se mostrou mais confiante, relatando e criando e reconstituindo a capacidade de brincar, pois é na vivência que a criança começa a separar os fatos da fantasia entre tantos outros pensamentos e escritos. Winnicott nos fala que a brincadeira e o brincar facilitam o crescimento, são próprios da saúde, fazem-se necessários para que a criança tenha atenção, desenvolva a criatividade, curiosidade, motivação, cooperação.

É por seu intermédio que eles aprendem regras, frustrações, o ganhar e perder nos jogos e outros conhecimentos e habilidades com relação ao seu comportamento, necessários para o convívio social e familiar. Ao terminar o jogo tinha diante de mim uma menina com possibilidade de viver sonhos e fantasiar suas histórias.

A sessão seguinte intitulada, “A hora do jogo psicopedagógico”, constitui um espaço fundamental para a construção do diagnóstico. Estabelece também o vínculo inicial e significativo entre o paciente e terapeuta.

Iniciei a sessão dizendo que ali tínhamos uma caixa com vários materiais para jogar, montar, pintar, fazer coisas. “Você pode escolher o que quiser”. Deu um sorriso, levantou da cadeira, caminhou até a caixa, olhou pelo burquinho, abriu bem devagar e, sem mexer muito, pegou a argila. Começou a manusear suavemente a argila, sempre bem organizada. Construiu logo uma pedra, que amassou várias vezes com as mãos. Convidou-me para entrar no jogo, pedindo para construir o tronco da árvore, e preparou um ninho com um ovinho.

Disse-me: – Aqui, na árvore, perto do ninho, tinha uma borboleta que saiu do casulo para explorar o mundo com todos os animais. A vida é tão completa.

“Todos os animais começam a dormir, vai anoitecer. A pedra que construí é bem quentinha. Ela construiu duas tartarugas, uma filhote e outra maiorzinha, que saiu de bem longe para a pedra quentinha. No caminho, fez ‘sujeirinha’”. Risos. Pediu que eu fizesse uma girafa e fez a minha imagem observando as tartarugas, meus olhos bem grandes. – Foi quando me dei conta de que ela também me observava. Terminou com um fantoche da caixa. Pediu que ele, o fantoche da girafa – que ela diz ser uma vaca – fosse até a porta da sala, onde a

deixou. Depois dessa sessão, a girafa, nesse momento vaca, acompanhou Amora até a porta da sala de aula em todas as sessões.

Winnicott considera a criança em processo de constituir-se sujeito em um corpo que se desenvolve, amadurece e cresce em inter-relação permanente com o ambiente. Em sua teoria, versa que pelo brincar a criança se apropria de experiências com e através de um espaço potencial situado entre o real e a fantasia. Na concepção winnicottiana, amadurecer inclui retornos e viabiliza regressos cada vez que temos necessidade. Nessas sessões anteriores, Amora desfruta dessa possibilidade e assim descobre sua criatividade e espontaneidade. Esses movimentos auxiliam a autonomia do corpo e engloba vários significados que permitem prosseguir na direção do desenvolvimento natural e crescente da capacidade maturacional.

Assim, Amora nesse espaço lúdico interage com o objeto externo (argila) e o espaço interno (campo simbólico). Winnicott (1975, p. 80) salienta que “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar a sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que descobre o seu eu”.

É pertinente citar mais uma vez Winnicott quando diz que: “A brincadeira fornece uma organização para iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais”.

1.2 Entrevista com a mãe

Marquei uma nova entrevista com a mãe da Amora, conversei com Tâmara novamente para entender melhor como Amora se desenvolveu desde a gestação até os dias atuais. Ela me contou que a filha não foi programada, mas desejada. Chorou ao contar que o pai da menina, quando soube da gravidez, foi embora. Nesse aspecto, segundo ela, a gravidez foi difícil. Naquele momento teve apoio da mãe. Tâmara relata que não houve problema no parto, que a alimentação na infância seguiu as recomendações médicas, mas que Amora, quando pequena, ficou internada alguns períodos de até uma semana por conta de bronquite. Parou de usar fraldas aos três anos; a passagem foi tranquila. Engatinhou e andou com um ano. Chupou chupeta; logo após a retirada da chupeta, segundo a mãe, chupa o dedo para dormir. Porém, em nosso primeiro encontro, Amora estava com o polegar direito na boca, demonstrando que poderia estar desconfortável e insegura. Amora começou a falar aos dois anos. A palavra mais usada era “Dá” – trocava as letras no começo, a mãe corrigia. No momento, não trocava mais. Era muito ansiosa, falava de uma forma que todos entendiam,

conseguia dar um recado, não fazia compras sozinha. Contava história com começo, meio e fim. O sono dela era agitado, às vezes tinha pesadelo, acordava e ia para a cama dos pais e era aceita. Perguntei se ela tinha medo de dormir sozinha, a mãe disse que não. Tinha, além da bronquite, alergia e necessitava de óculos. Das viroses infantis, teve catapora. Indaguei sobre os fatos marcantes para a família e a mãe relatou a ausência do pai biológico, a morte de Sara, uma criança especial e Gilvan, o pai dessa menina. Esse fato aconteceu quando Amora tinha quatro anos.

A forma de disciplina, segundo a mãe, era explicando; disse que a filha não gostava, mas acatava. Os pais auxiliavam nos trabalhos escolares. A mãe assumiu que censurava muito Amora. O relacionamento com o padrasto era bom, com o irmão menor era mais ligada. Segundo a genitora, Amora o protegia. Com a irmã mais velha, brigava. O gênio da irmã mais velha era difícil – retrucava a mãe. As brincadeiras preferidas eram pega-pega e contar piadas. Complementando que ela adorava correr. No relacionamento com os colegas, a mãe relatava que a filha dizia que não tinha amigos porque eles não gostavam dela. Os programas de televisão preferidos eram os desenhos e as novelas. Frequentou creche por volta dos três anos, não teve dificuldade de adaptação e depois entrou na Escola da Vila Sônia e, posteriormente, na atual escola. Gostava muito da atual escola, todavia, no segundo ano, teve um problema com a sua professora, que bateu o caderno em sua cabeça e pisou também o seu pé – relata. Das “tias” da escola falava com carinho e da escola também. Fazia reforço escolar. Perguntei se tinha mais algum fato ou alguma questão para acrescentar, a mãe falou que: “Amora estava mais alegre, melhorou na vontade de aprender e vai para escola com alegria” (sic).

Com essa fala a mãe me mostra que algo estava acontecendo, a genitora começa a observar mudanças na filha. Quando ela diz que Amora está mais alegre, eu posso ver que o trabalho realizado realmente não focou apenas em aspectos cognitivos, mas também em aspectos emocionais. Isso porque a psicopedagogia busca olhar o sujeito como ser biopsicossocial, olhando-o como um todo e não apenas por partes.

1.3 Procedimentos projetivos

O desenho do par educativo é uma técnica projetiva. O objetivo do teste é observar e compreender como o sujeito se relaciona com o conhecimento, com a escola e com o professor. “O desenho do par educativo tem por objetivo fornecer uma compreensão da

dinâmica estabelecida na relação daquele que aprende com aquele que ensina” (FERNANDES, 2013, p. 88).

Nos dias das sessões a alegria estava presente, recebia sempre um abraço nas pernas e um caloroso beijo. As histórias começavam assim que eu perguntava como foi o fim de semana. Esperei a conclusão das narrativas. Observadora, porém contida, olhou para os papéis e lápis dispostos na mesa e aguardou o que eu iria propor. Nesse momento, falei. Temos aqui papel e lápis para você desenhar duas pessoas: uma que ensina e outra que aprende. Houve silêncio na sala, fiquei aflita, raríssimas vezes a sala ficou tão quieta. Mesmo assim, aguardei. Depois de alguns segundos angustiantes, levantou a cabeça e, com o olhar triste e marejados de lágrimas, perguntou-me: – Tem que ser na escola? – Não, claro que não – respondi – É lógico que pode ser em outro lugar. Ainda sem falar muito, disse: – Vou desenhar no ponto de ônibus. Fiquei intrigada. Começou a fazer o desenho sem falar, o que era incomum. Fez tudo muito concentrada, mas eu podia sentir sua angústia. Depois disse que havia terminado. Olhei para o desenho com atenção e não disse nada também naquele momento. Atenta a tudo, ela perguntou-me: – Você está triste? – Eu, triste? Não. Digamos que estou pensativa. E você, sabe por quê? – Fez que não com a cabeça. – Vou lhe dizer, é a primeira vez que faz um desenho sem contar a história. Ela me olhou, e começou a falar: “Essa é Larissa”.

– Quem é Larissa? – perguntei.

– Você não sabe? – disse.

Logo em seguida, apontou para a menina do desenho que tinha um ponto de interrogação sobre a cabeça.

– A Larissa é uma menina que não sabe escrever beterraba, banana, pera, abacaxi. Tem nove anos. Manuela é a professora, tem 25 anos e está ensinando a ler a Bíblia para ela. Ela é muito boa professora, faz tudo com muito amor, carinho e paixão.

– E no carro, quem é? – perguntei.

– No carro? É a menina que o pai está levando para a escola. Na placa está escrito “ônibus”.

Não falou mais nada e fez alguns retoques no desenho. A seguir, perguntei se poderia fazer algumas perguntas, ela aceitou. Ela narrou a seguinte história:

Manuela está ensinando Larissa, elas estão sentindo alegria, irão aprender porque Manuela é boa professora. Antes de estar no ponto do ônibus, Larissa estava indo para escola e Manuela estava arrumando a casa. Larissa estava aprendendo a ler, ver as letras, a palavra de Deus, muitas coisas como desenhar, conhecer. Igual a mim com você, com minha mãe, com minha professora. Larissa e Manuela vão aprender.

A menina revela que conhece o nome Larissa da televisão e Manuela da escola. Pedi para contar uma situação engraçada de aprendizagem e ela contou o seguinte: “quando uma menina vai andando e tenta se segurar e esquece a Bíblia”. Pedi que contasse uma situação triste de aprendizagem e ela falou: “Quando alguém deixa cair a casca de banana, ela escorrega e cai na casca de ‘bumbum’ no chão”.

Nas duas situações contadas pela menina, está presente a questão do equilíbrio e queda, assim como no começo do atendimento.

Nas sessões que se seguiram a menina vai se mostrando cada dia mais confiante e contando sua história de vida e escolar. Solicitei que ela desenhasse a classe dela ou uma situação que gostaria de retratar. Fiz esse pedido para investigar o vínculo de aprendizagem com a sala de aula, com os colegas e a professora. Ela desenhou e contou a seguinte história: “Fiz a lição toda. Acertei o que estava na lousa e a professora veio correndo para me abraçar”. Eu falei: “nossa, que legal”. No mesmo momento, olhou-me com ar de reprovação e falou: “você não sabe? Isso é uma história, não aconteceu. Eu acertei, mas ela não me abraçou”. Voltou a ficar triste.

Ao fim de cada sessão, ela escolhe o que vai fazer. Mexe na caixa e acaba sempre ficando com a girafa. Em outros momentos, me ajuda a guardar o material, já de posse da girafa. O que raramente faz é desenhar depois das sessões. Dessa vez pediu para fazer um desenho enquanto eu guardava tudo. Separei os lápis e os papéis, retirei a girafa para acompanhá-la até a porta da sala de aula, guardei tudo dentro da bolsa e, quando eu sentei, o desenho já estava quase pronto, ela estava colorindo. Olhei para o desenho e falei: “que lindo! Você vai contar quem são as personagens?”. Até aquele momento não tinha percebido a bolsa e chave em cima da mesa. Ela mais uma vez falou: “você não sabe? Olha a sua bolsa”. Foi então que percebi: a cena representava eu e ela na sala de atendimento, como ela mesma diz, “com muito amor, carinho e atenção”. Desenho colorido e terminado, disse para mim que faltava o nosso desenho, eu e ela, porque ali aprende. Abracei-a com muito carinho e ela abriu um sorriso enorme. Pedi que desse um nome para o desenho. Nome dado: “Eu te amo”.

1.4 Família educativa

A família educativa é uma adaptação da Família Cinética. De acordo com Visca (1997), a diferença se apresenta a partir de uma consigna e de uma forma de administração própria. Também tem uma finalidade distinta que implica averiguar a representação que o

paciente construiu dos membros do grupo familiar, daquilo que sabem e do modelo de aprendizagem que possuem e transmitem (FERNANDES, 2013, p. 89).

Pedi para Amora um desenho de uma família qualquer; a menina ficou bem concentrada no que estava fazendo. Enquanto desenhava, fazia a narrativa de tudo: “a avó, Bruna, e a Larissa estão brincando com o Pietro, que é um bebê. O pai, Fernando, e a mãe de Larissa estão perto. Eles vão sair para aprender a se dar bem. Estão alegres, o bebê não sabe, por isso está alegre. A mãe e o pai estão aprendendo a se dar bem. A filha está muito alegre porque a avó veio da Bahia para brincar com eles. Larissa é a filha do meu tio”. Nesse momento, coloca o dedo na boca. A lua está diferente, a televisão está desligada. Começa a dissertar sobre a lua: “a lua não tem água, é bem distante, fica lá no céu bem longe, tem muita rocha. Colorir é muito divertido, um desenho sem cor é sem graça” (talvez ela esteja dizendo que é sem graça porque não tem emoção).

“Eu sonhei que você estava lá em cima.”. “Eu?”, pergunto. “Sim”, ela responde. “Todo mundo está lá em cima, menos eu”. “Lá em cima onde?”. “No céu, você não sabe?”. “Agora eu sei”. Risos. “E por que você não está lá em cima com os outros?”. “Porque quando eu sonho com o homem perigoso, que tem chifres, nesse momento coloca os dedinhos sobre a cabeça imitando os cornos. Me escondo em baixo da cama e não vou lá pra cima”. Pergunto: “quem é esse homem perigoso? Você não sabe?”. Ela diz: “aquele que não está no plano de Deus”. “O diabo”, eu falo. Ela retruca, não fala o nome dele: “tenho medo”. Ela me olha e diz: “pronto, terminei de pintar”. “Ficou lindo”, eu disse. “Qual é o nome da história?”. Título: “Muita emoção, muita alegria e muita paixão”.

Solicitei para Amora o desenho de uma família qualquer com pessoas aprendendo alguma coisa. A menina retratou a própria família, com alguns nomes trocados. Pedi que me dissesse quem havia desenhado. Ela enumerou: “Uma boneca, Larissa - 7 anos - 2ª Letícia - 8 anos – Amora - 9 anos, Kallany (irmã) 13 anos, Paloma (Tia) 18 anos – Bahia (namorado da tia) / Vilma (avó) - mãe e Pietro na barriga”. Pergunto se não estava faltando mais alguém, ela responde que sim, mas que estava viajando. Não disse quem era, também não insisti. Fiz o inquérito. Na narrativa que seguiu, Amora projetou seus próprios sentimentos dando voz à mãe, dizendo: “Minha mãe está gostando porque vai ter um bebê” e “quando estou longe dela, ela não gosta”. Amora elenca seus sentimentos na figura da mãe e “se joga” na história e diz: “Eles estão saindo para passear e eu estou distante da minha mãe. Ela está gostando que vai ter um bebê (...) estão querendo mais atenção”. Amora está aos poucos revelando e demonstrando, com suas palavras e ações, suas necessidades. O cuidado, naquele instante, foi para o bebê e ela não foi incluída. A menina Amora gostaria de ter atenção e cuidado, estar

inserida na vida familiar e materna. Dias (2017) irá nos dizer que “O primeiro sentido do tempo, no mundo subjetivo, é o da continuidade da presença, que instaura pela experiência repetida da presença da mãe, da sua permanência, da continuidade dos cuidados que lhe apresentam continuamente o mundo” (2017, p. 173). Salientando que o bebê não sabe disso, sente a presença e os efeitos do cuidado e na memória essa atenção vai se estabelecendo e se organizando.

Nas palavras de Winnicott (1993): “o impulso criativo desaparece a menos que seja correspondido pela realidade externa. Toda criança tem que recriar o mundo, mas isso só é possível se, aos poucos, o mundo for se apresentando nos momentos de atividade criativa da criança. A criança procura o seio, e criou-se o seio” (p. 16).

Nesse dia, contou as novidades do fim de semana, depois começamos as atividades. Solicitei que fizesse o desenho de uma família onde alguém não aprende. Ela faz os desenhos com desenvoltura, quase não utiliza borracha, não contou as histórias enquanto desenhava e também não quis pintar. Contou a história depois que eu perguntei. Fiz o inquérito:

1. “O que eles estão fazendo no seu desenho?”

“A mãe está ensinando a filha a fazer o feijão e a avó já ensinou para a filha (da esquerda para direita avó - AIA (Maria), mãe - OÃOA (Joana) e a neta AIA (Liliane) sem os braços, ao lado do fogão. É assim que acontece, uma ensina para a outra, você não sabe? Eles estão alegres porque vão aprender a fazer feijão. Primeiro separa o feijão [Anexos], depois deixa de molho [Anexos], põem a panela no fogo [Anexos], coloca tudo e tampa [Anexos]”. “O que é tudo?”, pergunto. Ela responde que “é sal, cebola e outro que esqueci o nome, ele vem todo juntinho e a gente separa”. “O alho?”, indago. “Acho que é”. “No 5, colocar na mesa, mais abaixo a menina está sentada comendo o feijão”. “Abaixo, perto da lousa, tem mais dois personagens, quem são?”, pergunto. “Esse é Pietro e Beatriz. Eles estão aprendendo e educando, ela vai ganhar um concurso de fazer bolos”. “Como é mesmo o nome? Mestre cuca?”, pergunto. “Isso”, responde. “Ela vai ser Mestre cuca de bolos” – bolo com uma cabeça [Anexos], ela disse ser a bola do prêmio (a cabeça o pensar). “Ela vai fazer muitos bolos lindos”. Não deu nome para o que estava chorando, nesse dia, disse que ele estava chorando porque não aprendia. Na sessão seguinte, quando apresentei novamente os desenhos, mudou a versão, dizendo que ele estava chorando de alegre, mantendo as mesmas histórias dos outros personagens.

Já que, no exercício anterior, havia desenhado a família, com algumas ressalvas nos nomes e a ausência do padrasto, mostrando o exercício anterior, perguntei se todos

moravam com ela na mesma casa. A resposta foi “não”. Partindo dessa premissa, pedi que fizesse um desenho da família dela, desta vez com as pessoas que moravam com ela – na mesma casa –, em uma situação em que estejam aprendendo alguma coisa.

Quando começou o desenho, disse: “Minha família é muito difícil”. “Como assim? Difícil”, perguntei. Foi então que, enquanto desenhava, começou a contar a história do pai biológico. “Psico” – passou me chamar assim –, “eu não conheço meu pai, ele não sabe que existo, minha mãe que falou isso, eu fico triste. O nome do meu pai é Neonelson, quem disse foi minha tia – essa tia é irmã do pai biológico. Quando eu crescer vou para a Bahia conhecer meu pai, minha mãe diz que ele não liga para mim, não fala que eu te contei tá? É nosso segredo”. Olhei para ela e vi seu sofrimento. Disse para ela que tudo que falamos fica entre nós, aquele era o nosso lugar e ali ficavam os nossos segredos. Ela continuou a narrativa. “Tenho um padrasto também, ele chama Dado” – nesse momento está desenhando as pernas da mãe, noto que coloca muita força no lápis e morde os lábios. “Ele é o pai do meu irmão. Ele briga com a minha mãe, ela bate nele e ele bate nela”. “E você como fica?”, pergunto. “Fico triste”, responde. Entrega-me o desenho sem colorir. Pergunto qual o título do desenho, ela diz: “não batendo, não chorando” (ela gostaria).

Após esses procedimentos, outros foram realizados, mas considero que esses que foram relatados deram forma e compreensão ao caso clínico.

A sessão começou de forma bem diferente das outras. Quando estávamos perto de subir para sala de atendimento, fomos interpeladas por uma AOE – Agente de Organização Escolar. Esta senhora estava cobrindo licença de quinze dias de outra agente e advertiu rispidamente Amora por ter saído da fila e ter vindo ao meu encontro. Depois de ter esclarecido que ela iria me acompanhar, fomos para a sala de atendimento, que já estava preparada para as Provas Operatórias. Ela parecia muito agitada com tudo, contou-me que a amiga foi acusada de ter ficado com o lanche de outro menino, o que não era verdade – dizia. Diante da inquietação em que ela se encontrava, deixei as provas operatórias para a próxima sessão.

Peguei a caixa psicopedagógica e coloquei no chão, sentei e falei para ela escolher o que quisesse. Mais uma vez a girafa foi a contemplada. Falei que ela poderia escolher outras coisas e a girafa ficaria perto dela, ela concordou. Tirou tudo de dentro da caixa e optou pela pintura de dedo. Ainda estava agitada, quando optou pela pintura a dedo. Chamou-me para pintar junto com ela. Fizemos o desenho de carinhas – eu fiz as que estão no círculo, algumas alegres, outras tristes, enquanto conversámos sobre o episódio da colega. Enquanto pintava, foi ficando mais calma. Não nomeou o desenho.

Explorou os potinhos com bolinhas, botões e alfinetes. Abriu e fechou. Viu o jogo de varetas, dominó, Eu Conto, quebra-cabeça, decidiu pelo jogo Eu Conto. Expliquei como se jogava. Adorou criar histórias com as personagens que apareciam. Ria com suas histórias. Relembrei a sessão anterior enquanto ela separava algumas peças da caixa, reservou sianinha, cola, pediu uma folha sulfite e deixou tudo bem próximo. Falei sobre a história que ela havia criado, da coelhinha. Foi quando me disse: “você me fez chorar”. “Eu?”, indaguei. “Sim, quando me faz lembrar dessas coisas do meu pai. Você sabe que vou procurar ele quando eu crescer, né? Ele não sabe que eu existo”. Nesse momento pega a sianinha e pede a minha ajuda para segurar na folha de sulfite. Ela completou: “você me ajuda a aprender coisas”. Eu falei: “como assim?”. Ela me disse, apontando para a cabeça: “coisas que estão aqui dentro”. Continuou fazendo o desenho e separou da caixa, o lápis cera, a canetinha, lápis de cor e a cola. Fez todo o desenho enquanto estávamos sentadas no chão. Quando terminou, escreveu: “casa. bonit”. Olhou para mim e perguntou: “está certo?”. Notei que, nesse momento, ela me testava. Disse-lhe que estava, mas que faltava uma letra. Ela olhou para mim e colocou o “a” que faltava no final da palavra bonita e o ponto.

1.5 Conclusões sobre o diagnóstico

O diagnóstico psicopedagógico cingiu, além da entrevista com o responsável, entrevista com a coordenadora educacional e professora, avalizou elementos relacionados aos aspectos cognitivos, psicomotor, linguagem, escrita e raciocínio lógico.

No que se refere aos aspectos psicomotores, a menina é destra, reconhece direita e esquerda. Nomeia diferentes partes do corpo, localizando-as em si mesma e em outras pessoas. Reconhece as letras e as coloca em ordem alfabética. Na sondagem, a hipótese de escrita da Amora está no nível pré-silábico. Na disciplina de Matemática, a discente conta os números e também consegue ordená-los, até uma dezena. Quando subíamos as escadas, contávamos os degraus. Ao chegar à sala, colocava os lápis por ordem de tamanho do menor para o maior e vice-versa, contava os casais, machos e fêmeas nas sessões. A mediação e o fornecimento de pistas concretas (sonoras e/ou visuais) fizeram grande diferença em sua produção. Resultado semelhante pode ser observado na aplicação do desenvolvimento lógico. Em atividades lúdicas e mediadas, Amora obteve melhores resultados, mostrando-se capaz de solucionar problemas, experimentar estratégias e elaborar histórias com começo, meio e fim.

Ao longo desse processo, posso descrever que, ao iniciar esse trabalho psicopedagógico, vi uma menina cabisbaixa que carregava consigo o sentimento da

incapacidade e incompletude. Rótulos que carregava e repetia constantemente não a deixavam seguir adiante. O resgate do sonhar, quando cruza a porta para os atendimentos, possibilitou uma forma diferenciada de se relacionar com a aprendizagem e também com suas necessidades. Na sala de atendimentos revelou seus sonhos, ancorada não só nas fantasias, pois confia sua angústia de não conhecer o pai e não ser querida por aquele que a deixou mesmo antes de vir à luz. Criativa em suas construções, desenvolve neste dia um desenho utilizando vários materiais escolhidos da caixa psicopedagógica. Após externar o desejo de conhecê-lo, escreve em letra cursiva “casa. bonita.” [Anexos].

As sessões avaliativas desencadearam em Amora movimentos que conduziram a permissão de se manifestar, despertaram o desejo de uma criança que agora consegue projetar o futuro. Nasceu ali a capacidade de viver a própria história, mesmo que sofrida, até o momento. Sonhada e verbalizada do seu próprio universo interno: “Você sabe que vou procurar ele quando eu crescer, né? Ele não sabe que eu existo” (sic). Esse caminho de juntar “pedras” traz em si simbolicamente a imagem da própria história de construções realizáveis, afinal ela convive com a tia por parte do pai. Esta representa uma ponte entre os dois. Foi necessário, por certo, extravasar essa ausência em suas histórias e em seus desenhos.

No começo do atendimento, sua escrita não tinha valor sonoro. No bilhete para a coelhinha, escreve de forma agrupada. No momento em que revela sua inquietação, constrói uma frase, preocupa-se com pontuação e o faz em letra cursiva.

Essa produção permeou a avaliação e referendou um raro momento de espontaneidade em produção escrita fora a dos desenhos e também da prova de leitura e escrita. Amora consegue verbalizar suas inquietações. Ao externar suas dores pelo abandono, possibilita o desejo de construir, no futuro, um vínculo com o pai que a deixou enlutada por nove anos. Compreendendo a avaliação psicopedagógica como uma intervenção, houve avanço em sua condição emocional. Sobre esse posicionamento, Mannoni (1985, p. 31) nos contempla dizendo que a avaliação “(...) vai ajudar o indivíduo a construir a sua demanda, a constituir-se na sua fala em relação à própria história, para extrair, finalmente, uma mensagem onde poderá ser vinculado um sentido”. A menina, nessa intervenção, desata o nó e aponta para a mudança. Esse processo avaliativo principia, em certa medida, o encontro do sujeito com suas fraturas; essas ações possibilitaram novas relações com o conhecimento.

Ao fim do trabalho, contemplei uma menina confiante, que sai do estágio oscilatório para o concreto, deu um passo para constituir sua história, pois agora ela se permite sonhar e leva a esperança para sua família.

1.6 Devolutivas

“Nessas entrevistas, que constituem a finalização do processo, são feitas reflexões com o paciente, com os pais e muitas vezes, com a escola, de todo o processo vivido” (FERNANDES, 2013 p. 93). Na devolutiva para a Escola, estavam presentes a coordenadora e a funcionária de apoio aos alunos. Entreguei o informe e também levei um desenho da Amora. Escolhi para a ocasião o segundo desenho, o do professor ensinando. Nessa ilustração, Amora retrata a si própria, bem como a professora em sala de aula. Ela faz o exercício da lousa, acerta e não recebe nenhum incentivo da professora. Levei o tapete com os desenhos criados pela aluna, ilustrando que cada cena tinha uma história. A coordenadora ficou visivelmente emocionada ao conhecer as produções da discente e o relato da sala de aula e disse que precisava repensar o plano pedagógico da Escola para melhor atender aos alunos com dificuldade de aprendizagem.

Dias antes da devolutiva da Amora, fiz a devolutiva com a mãe. O procedimento foi realizado para a preparação da minha saída. O meu intuito era promover uma aproximação de mãe e filha no tocante às questões mais latentes da Amora. Eu estava saindo, deixando a “cena”, e a mãe acolhendo a demanda do “espaço do sonhar” da pequena.

A mãe chegou logo cedo, estava mais solícita ao meu chamado e também mais calma, não estava com pressa. Conversei sobre a minha mudança para Salvador, fiz uma sinopse dos atendimentos que foram realizados com Amora. Parabenizei-a pela criatividade da filha. Ela ficou muito tocada com a narrativa e disse que percebeu a mudança na filha. Contou que a menina estava mais alegre e gostando de ir para a escola. Apresentei o tapete com desenhos, acrescentando que todas as figuras ali representadas faziam parte das histórias criadas pela filha. Ela chorou muito. Conversamos sobre a importância dos sonhos e fantasias na construção do conhecimento. Um outro ponto abordado na minha devolutiva foi a relevância do olhar materno que acolhe, da esperança no futuro e do cuidar.

Para a devolutiva da Amora preparei a sala somente com o tapete e fui buscá-la após o intervalo. Assim que me viu, veio correndo e fui presenteada com um grande e caloroso abraço. Nesse momento já senti saudade. Levei-a até a sala, abri e acendi a luz. Ela viu o tapete de imediato e reconheceu seus desenhos. Pousou o rostinho no tapete e ficou assim alguns instantes.

Como sempre muito falante, começou a relembrar as histórias. Dizia, feliz: “Que lindo! Esse é o Bob e a Larissa, meus desenhos estão aqui. Olha a lua, que linda! A tartaruga da argila. Tudo muito lindo”, dizia. Especifiquei o seu progresso e o futuro brilhante que a esperava. Falei com ela sobre a minha mudança, a menina disse que a mãe havia conversado com ela.

Quando já estava terminando a devolutiva, disse-lhe que o tapete era para ela como recordação das nossas sessões e principalmente de suas produções. Ela ficou entusiasmada, dizia: “minha nossa! É meu? Vou poder ficar com ele na minha casa? Eu falei: “é lógico, é seu”. “Psico, vou dormir com ele”. Logo depois, dizia: “não vou fazer isso... Pode amassar tudo”. E tornava a falar: “vou ficar com ele até dormir e depois guardo”. Foi maravilhoso vê-la tão feliz.

Um dia antes de viajar, recebi uma mensagem para eu passar na escola que a Amora estudava. Fui até lá e recebi uma caixinha feita pela Amora. Dentro da caixa tinha uma carta da mãe e um cordão. Quando Amora me entregou a caixinha, recomendou que só a abrisse em casa. Fiz o que ela pediu. Lembro até hoje de ela me entregando a caixinha e saindo saltitante, depois de me dar um beijo. Quando abri a caixinha, encontrei uma carta e um cordão todo embolado. Antes de viajar, fiz uma chamada de vídeo para me despedir. Agradei o presente e falei que a caixinha era linda, ela agradeceu e disse que o cordão era dela e agora me pertencia. Agradei, todavia, indaguei: “como posso usar o cordão que você me deu? Está todo embolado”. De pronto, ela respondeu: “Psico, você sabe desembolar”. Não contive as lágrimas.

1.7 A carta da mãe

as vezes existe pessoas que passam por nossa vida que deixa sua marca sua assinatura e você foi e será uma delas. Penso que nesse pedaço de papel não dará para descrever você por (...) mais algumas palavras que marcou nossa vida (...) e nos faz capazes de ter a esperança que tudo será melhor e você é uma destas você passou e foi tudo e mais um pouco. Quando nos empenhamos em fazer algo existe mil barreiras e você nos demonstrou que mesmo tendo essas barreiras tudo pode ser possível quando acreditamos. Você aderiu para você uma difícil tarefa e fez com a mais pura sinceridade. Temos a certeza que tudo o que você fez para a nossa filha foi com a mais pura e sincera dedicação carinho, amor e como ela diz paixão. Paixão por ser colocar na vida dela e se dedicar muito. Obrigada. Te agradeço de Coração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ECOS PESSOAIS

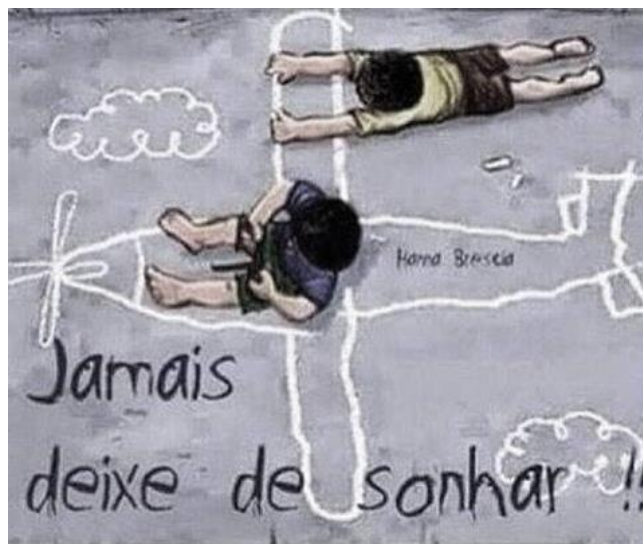
Percebo nessa narrativa a ressignificação do olhar materno, o acolhimento da nossa conversa e uma outra maneira de ver a filha. Em nossa conversa, ela me disse: “sempre fui chamada para ouvir que minha filha não sabia fazer nada, hoje estou agradecida. Minha filha fez tudo isso, agora tenho esperança”. Vale também lembrar que desde o começo a mãe acreditou no nosso trabalho psicopedagógico, quando disse, na primeira entrevista: “Tenho esperança nesse trabalho para solucionar o problema da minha filha”.

Com essas palavras da mãe, sinto-me confiante para seguir agradecida pela oportunidade de desenvolver o trabalho psicopedagógico. Apaixonei-me pelo olhar do meu paciente, que busca o desejo perdido, que não acalentava seus sonhos. Necessitava encontrar a fantasia e ancorar. Busquei e me encantei pelas suscetibilidades da psicopedagogia.

Sinto-me motivada pelas ferramentas e possibilidades encontradas em cada livro, texto, artigo, palavras ditas pelas professoras. Essa busca possibilitou o exercício constante de construir e favorecer a prática amparada na teoria e nos recomeços para aqueles que não sabiam como começar. Ser psicopedagoga é estar atenta aos olhares, às falas, movimentos e ações do paciente, da família, da escola. Para todos que convivem com o sujeito, pois é na sutileza da comunicação, nos olhares “distraídos” ou não, que a essência do seu ser se manifesta.

Nesse breve percurso – mas profundo de experimentação – é que a intervenção nas dificuldades de aprendizagem acontece, ressignifica aprendizagens, desembaraça os nós, constrói laços, busca saberes, ressignifica vidas.

Figura 1 – “Jamais deixe de sonhar”



Fonte: reprodução da internet.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

- Dói-te alguma coisa?
- Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: Está a ver, doutor? Está ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

- E o que fazes quando te assaltam essas dores?
- O que melhor sei fazer, excelência.
- E o que é?
- É sonhar.

Mia Couto (O Fio das Missangas)

REFERÊNCIAS

COUTO, M. **Fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAS, O. E. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2017.

FERNANDES, A. **Avaliação Psicopedagógica: história de um percurso**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2013.

FERNANDEZ, A. **A Atenção Aprisionada: Psicopedagogia da Capacidade Atencional**. Editora Penso, 2012.

_____. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VISCA, J. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

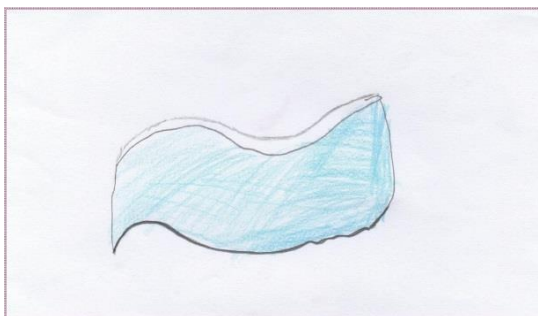
_____. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas**. Buenos Aires: Ira Edicione, 1997.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

_____. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

ANEXOS - FIGURAS

Figura 2 – Jogo do Rabisco: “A pasta de dente”



Fonte: Amora.

Figura 3 – Jogo do Rabisco: “Um novo bebê na família”



Fonte: Amora.

Figura 4 – Jogo do Rabisco: “A história de Larissa e Bob”



Fonte: Amora.

Figura 5 – A Hora do Jogo – Sem título: “Trabalho em argila”



Aqui, na cena que constrói, a pedra é quentinha, a borboleta, não aparece – mas existe, toda a construção da narrativa ganha voz e forma. Para uma criança que não é permitido sonhar, observo quanto é significativo esse momento. Fonte: Amora.

Figura 6 – Par Educativo: “Professora ensinando”



Fonte: Amora.

Figura 7 – Par Educativo: “Eu te amo”



Fonte: Amora.

Figura 8 - Uma Família Qualquer: “Muita emoção, muita alegria e muita paixão”



Fonte: Amora.

Figura 9 – Uma família onde alguém não aprende: “Aprendendo e ensinando”



Fonte: Amora.

Figura 10 – Uma família onde alguém não aprende: “Não batendo, não chorando”



Fonte: Amora.

Figura 11 – Pintura livre: Não nomeou o desenho



Fonte: Amora.

Figura 14 – Caixa feita por Amora



Fonte: Amora.

Figura 15 - Carta da mãe



Fonte: Tâmara.